

A GEÓGRAFA ROSA MOURA E PROF. JOSÉ HENRIQUE DE FARIA FALAM SOBRE AS EXPECTATIVAS DO PPLA 2008

Em agosto de 2008, a Ambiens Sociedade Cooperativa e apoiadores realizarão, no Museu Oscar Niemeyer – MON, em Curitiba, o Seminário PPLA - Política e Planejamento: economia, sociedade e território. O objetivo compartilhar e debater teorias, experiências, discursos e práticas no campo da ação política e do planejamento, a partir de reflexões críticas e interdisciplinares que articulem as dimensões econômica, social e territorial de análise.

Para instigar os debates sobre estes temas a Comissão Organizadora convidou José Henrique de Faria, professor titular da Universidade Federal do Paraná e a Técnica e Pesquisadora do Ipardes, Rosa Moura para comentarem sobre a importância dos temas que serão debatidos no PPLA 2008.

José Henrique de Faria é doutor em Administração pela Universidade de São Paulo - FEA/USP e Pós-Doutor em Labor Relations pela University of Michigan. É Pesquisador e Líder do Grupo de Pesquisa Economia Política do Poder e Estudos Organizacionais - CNPq. Professor Titular no Programa de Mestrado e Doutorado em Administração PMDA da Universidade Positivo. Foi Pró-Reitor de Planejamento, Orçamento e Finanças (1990-1994) e Reitor (1994-1998) da UFPR. Tem experiência na área de Organizações, com ênfase em Economia Política do Poder e Relações de Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: relações de poder, formas e mecanismos de controle, Teoria Crítica, formas de gestão e tecnologia e processo de trabalho. Faria é autor de 8 livros científicos.

Rosa Moura é geógrafa formada pela USP, pesquisadora e técnica do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – Ipardes, Rosa Moura, atua na área de Geografia com ênfase em análise urbano-regional ligada a temas como gestão urbana e regional, metropolização, região metropolitana, segregação socioespacial, Paraná e Região Metropolitana de Curitiba. Pesquisadora também do Observatório das Metrôpoles e do Instituto do Milênio-CNPq, é doutoranda em Geografia na UFPR.

Ambiens: No cenário brasileiro atual, qual a relevância do debate sobre política e planejamento?

Prof. José Henrique de Faria: A função primeira da administração pública, em qualquer nível é a função de planejamento. Então a idéia de relacionar planejamento com política é a idéia de relacionar a prática política de estado ou a prática de política pública com a ação efetiva do planejamento como orientador primeiro, central da prática política do Estado. Quando o Estado trabalha com a idéia do planejamento como uma prática concentrada no interior do governo, ou seja, como uma prática formal e técnica, o Estado exclui do seu âmbito a participação popular, a ação popular, a demanda popular e torna o planejamento apenas um artifício ou uma técnica formal e não efetivamente uma forma de inclusão das pessoas na decisão do seu próprio destino.

Rosa Moura: Eu acredito que o que mais chama atenção da sociedade é justamente a geografia de desigualdades e que alguma ação se torna necessária. O planejamento talvez seja a grande saída para isso. Então, o motivo mais importante deste seminário é de poder justamente trazer a sociedade para este debate. Agora estamos num momento bem maduro com relação ao planejamento porque existem mecanismos institucionais que

mostram a necessidade do planejamento, que articulam as legislações, os orçamentos, à ação pública, que abrem a possibilidade de transparência, do acompanhamento do processo de planejamento e assim por diante. Tudo isso faz com que esse debate seja extremamente oportuno.

Ambiens: Qual a contribuição que este debate pode trazer para compreensão das relações entre Estado, Lutas Sociais e as Intervenções e Disputas no Território?

Prof. José Henrique de Faria: O Seminário deve trazer para o debate as diversas experiências, especialmente as práticas, os modelos, as dúvidas com relação a como fazer com que o planejamento se torne efetivamente um elemento de política estatal, porque hoje é muito difícil pensar em como a população, efetivamente, a partir do território, a partir das suas demandas específicas em cada lugar, em cada região de uma cidade ou do Estado, possa fazer valer as suas questões, as suas demandas, enfim, a sua ação política no interior do aparelho do Estado, ou no interior do governo. O Seminário vai colocar frente a frente esta discussão, entre como o Estado pode associar a necessidade e a capacidade potencial de uma população com as práticas políticas, as experiências e os modelos de participação. Procurará trazer essa luta de posições para o âmbito de uma leitura política e tentar apresentar para todos nós um debate sobre como viabilizar essa luta de posições dentro de uma política de Estado. Portanto, procurará buscar as experiências, os modelos, as críticas e colocar isso em discussão.

Rosa Moura: Existe uma consciência por parte dos segmentos sociais da questão do território, das desigualdades, da ação pública no combate as desigualdades, então eu imagino que articular, assim como o a organização do seminário PPLA 2008 está propondo, todos os temas que estão sendo indicados – essa articulação temática – é uma grande contribuição para os movimentos sociais, para orientar essas lutas sociais com relação a esse debate, espaço, território, planejamento e gestão.

Ambiens: Qual a importância das várias leituras do planejamento, inclusive da Geografia?

Rosa Moura: Hoje em dia, fazer uma leitura do planejamento como uma atividade empresarial acontece tanto no espaço urbano quanto no regional e isto torna-se uma atitude bastante nociva no que diz respeito ao planejamento. Porque nem o território de uma nação é a planta de uma empresa, nem o território urbano de uma cidade é a mecânica de uma empresa; então é necessário pensar o planejamento de outra forma. Quer dizer, isso é um corte transversal de entendimento de como está sendo visto o planejamento a partir das políticas neoliberais que se impõe à prática de planejar; de como o planejamento foi esvaziado no seu sentido; de como se debocha do planejamento. ‘_Ah, se planeja?! Mas não se cumpre. Ah, plano não sai da gaveta. Ah, plano só serve para alimentar escritório de arquiteto, de planejador’. Isso é uma grande falácia e quando digo que a sociedade está entendendo a falta do planejamento, a falta que está fazendo parar para pensar e olhar o espaço como um todo, propor medidas e estratégias de desenvolvimento e tudo mais, ainda perpassam por tudo isso o peso da terminologia: o desgaste do nome planejamento e não o desgaste do sentido, do conteúdo e da prática de planejar.